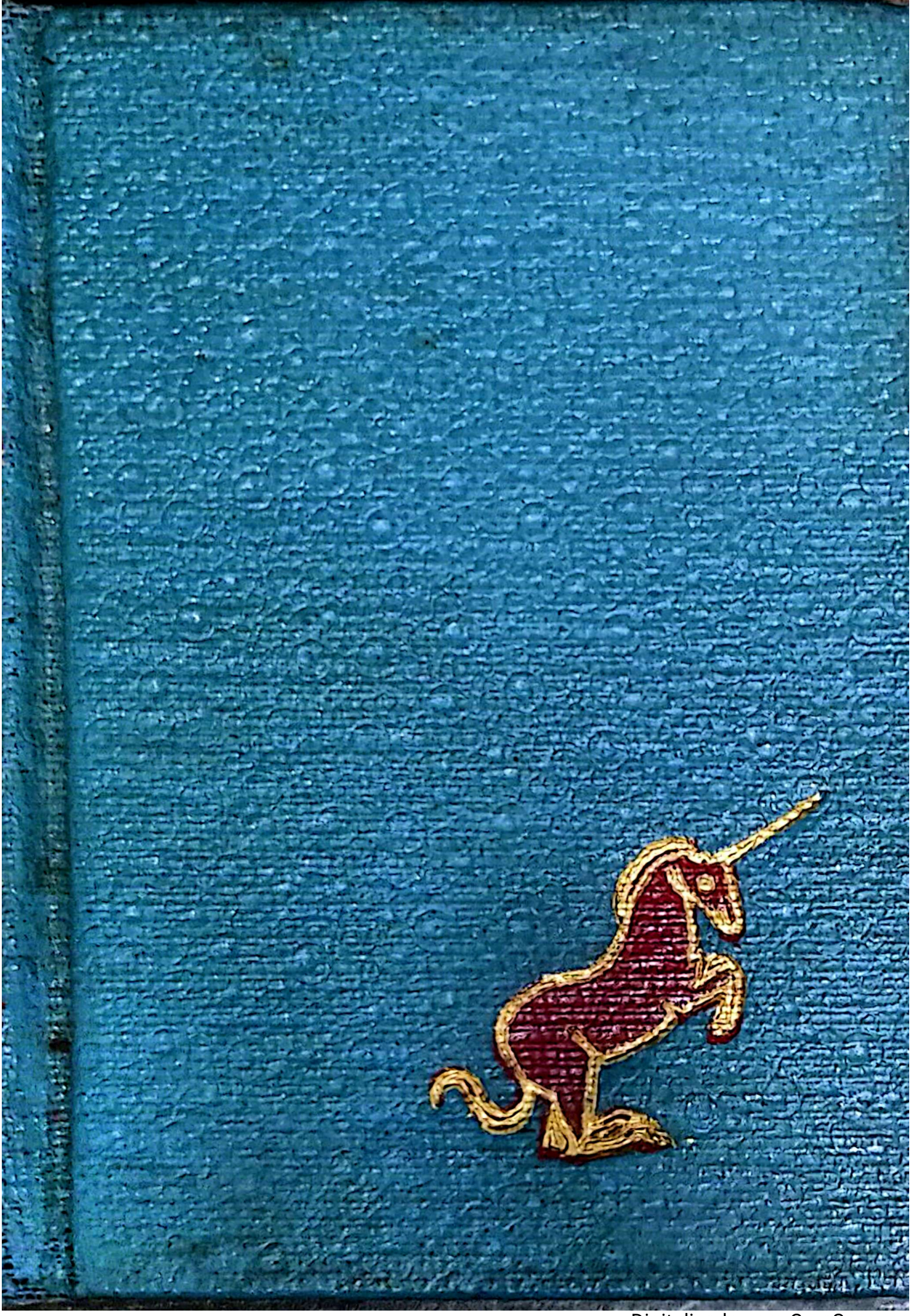
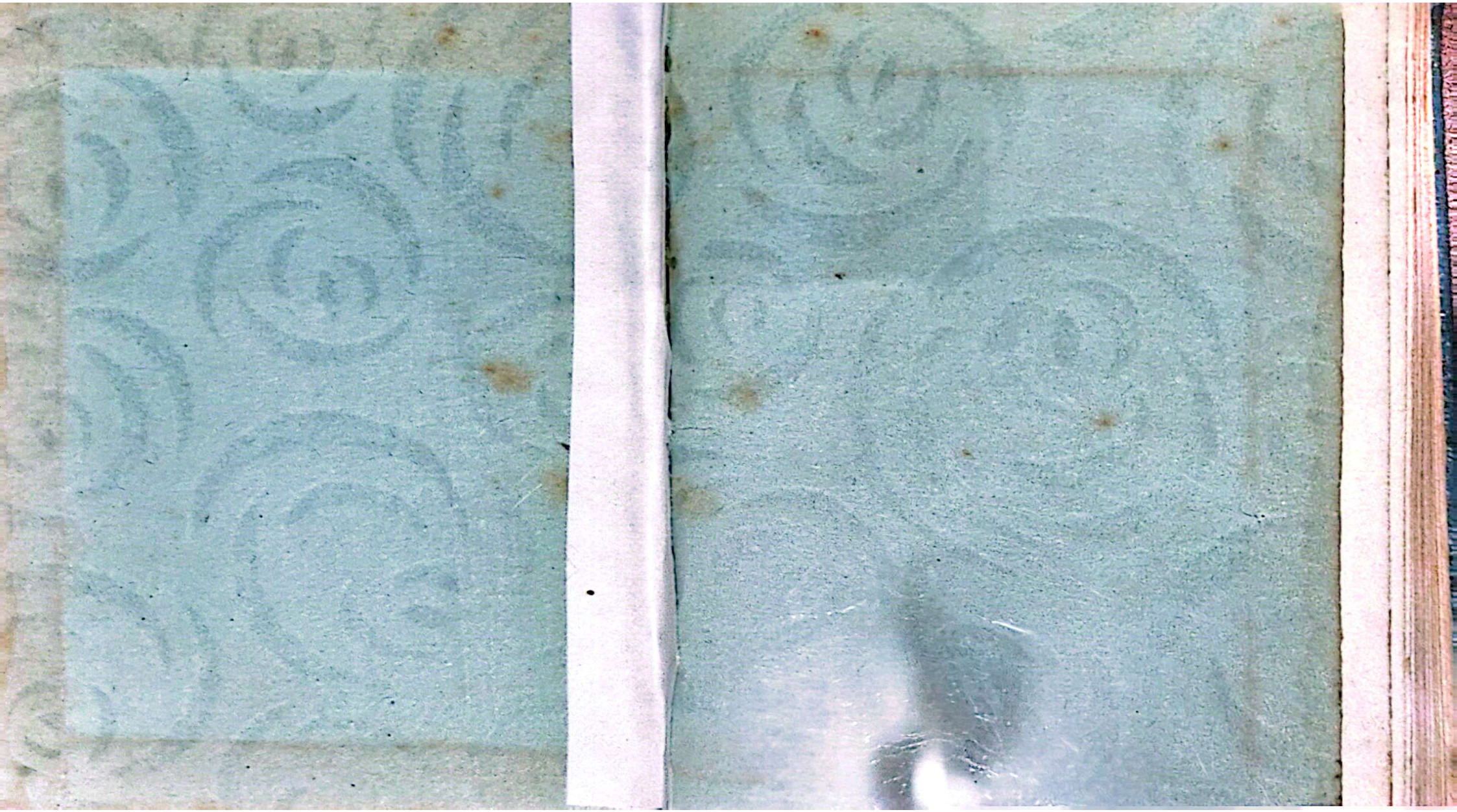


Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

ORFEU

Digitalizado com CamScanner

EDOUARD SCHURÉ

A CRIAÇÃO DA POESIA

(ORFEU)

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.
Praça da Sé, 47 - Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 35-6080
SÃO PAULO

Digitalizado com CamScanner

1.ª edição — abril de 1959

Todos os direitos reservados

Digitalizado com CamScanner

ÍNDICE

Págs.

Orfeu (os mistérios de Diônisos) 11
A Grécia pré-histórica. As bacantes. A Aparição de Orfeu 13
O templo de Júpiter ... 57
Festa dionísica no vale de Tempe 83
Evocação 115
A morte de Orfeu 145

Digitalizado com CamScanner

ORFEU

(Os Mistérios de Diônisos)

Como se agitam no universo imenso, como num turbilhão, se buscam, essas almas inúmeras que brotam da grande alma do Mundo!

Caem de planêta em planêta e choram no abismo a pátria esquecida...

São as tuas lágrimas, Diô-

Digitalizado com CamScanner

nisos... Ó grande Espírito! Ó divino Libertador!, torna a recolher as tuas filhas no teu seio de luz.

FRAGMENTO ÓRFICO.

Eurídice! ó Luz divina! exclama Orfeu ao morrer. Eurídice! gemem, quebrando-se, as sete cordas da sua Lira. E a sua cabeça que rola, levada para sempre sôbre o rio dos tempos, clama ainda: Eurídice! Eurídice!

LENDA DE ORFEU.

A GRÉCIA PRÉ-HISTÓRICA. AS BACANTES. A APARIÇÃO DE ORFEU

Nos santuários de Apolo, que possuía a tradição órfica, celebrava-se uma festa misteriosa no equinócio da primavera. Era quando os narcisos refloriam junto à fonte de Castália, as trípodes e as liras do templo vibravam por si mesmas e o

Digitalizado com CamScanner

deus invisível voltava, sôbre um carro puxado por cisnes, do país dos hiperbóreos. Então, a grande sacerdotisa, vestida de Musa, coroada de louros, com a fronte cingida pelas faixas sagradas, cantava diante dos iniciados o *nascimento de Orfeu,* filho de Apolo e de uma sacerdotisa do deus. Ela invocava a alma de Orfeu, pai dos iniciados, salvador melodioso dos homens; do Orfeu soberano, imortal e três vêzes coroado, nos infernos, na terra e no céu; caminhando,

com uma estrêla na fronte, entre os astros e os deuses.

O canto místico da sacerdotisa de Delfos aludia a um dos numerosos segredos guardados pelos sacerdotes de Apolo e que eram ignorados pela multidão. Orfeu foi o gênio vivificador da Grécia sagrada, o despertador da sua alma divina, cuja lira de sete cordas, cada uma das quais correspondia a uma feição da alma humana e continha a lei de uma ciência e de uma arte, abraçava o universo. Nós perdemos a

Digitalizado com CamScanner

chave da sua harmonia plena, mas os seus tons diversos não deixaram ainda de vibrar aos nossos ouvidos. Foi por essa lira maravilhosa que se transmitiu a tôda a Europa a impulsão teúrgica e dionísica, que Orfeu soube comunicar à Grécia. Se, o nosso tempo, conquanto não acredite já na beleza da vida, ainda, com uma secreta e universal esperança, que é como que uma profunda recordação dos tempos idos, a ela aspira, deve-o a êsse sublime Inspirado.

Saudemos, por isso, nêle, não só o grande iniciador da Grécia, como também o Avô da Poesia e da Música, concebidas como reveladoras da eterna Verdade.

Porém, antes de reconstituirmos, segundo a tradição dos santuários, a história de Orfeu, esbocemos a situação da Grécia à sua aparição.

Era no tempo de Moisés, cinco séculos antes de Homero, treze séculos antes de Cristo. A Índia mergulhada no seu *Kali-Yuga*, na sua idade de treva, não oferecia

Digitalizado com CamScanner

já a sombra do seu antigo esplendor. A Assíria, que, pela tirania de Babilônia, tinha desencadeado pelo mundo o flagelo da anarquia, continuava a esmagar a Ásia. O Egito, muito grande ainda pela ciência dos seus sacerdotes e faraós, resistia com tôda a energia a essa decomposição universal, mas a sua ação não passa além do Eufrates e do Mediterrâneo. Israel ia restabelecer no deserto o princípio do Deus másculo e da unidade divina, porém, a voz retumban-

te de Moisés, ainda não ecoara pela terra. A Grécia estava profundamente dividida pela religião e pela política.

Há milhares de anos que a península montanhosa, que, cercada por uma grinalda de ilhas, ostenta os seus finos recortes no Mediterrâneo, era povoada por um ramo da raça branca, vizinha dos getas, dos citas e dos celtas primitivos. Essa raça sofreu os cruzamentos e os impulsos de tôdas as civilizações anteriores. Colônias da Índia, do Egito e da Fenícia tinham

Digitalizado com CamScanner

enxameado sôbre as suas praias, povoado os seus promontórios e os seus vales de raças, de costumes e de divindades múltiplas. Por debaixo das pernas do colosso de Rodes, colocado sôbre os dois molhes do seu pôrto, passavam, com as velas desdobradas, numerosas frotas. O mar das Cíclades, onde em dias claros o navegador sempre vê no horizonte alguma ilha ou alguma praia, era sulcado pelas proas vermelhas dos fenícios e pelas proas negras dos piratas da

Lídia que, nas suas naus profundas, transportavam tôdas as riquezas da Ásia e da África: o marfim, as louças pintadas, os estofos da Síria, a púrpura, as pérolas, os vasos de ouro e, freqüentemente também, mulheres roubadas em algumas costas selvagens.

Em conseqüência dêsses cruzamentos de raças tinha-se formado um idioma harmonioso e fácil, mistura do celta primitivo, do zenda, do sânscrito e do fenício. Esta língua que tinha a palavra

Digitalizado com CamScanner

Poseidôn para pintar a majestade do oceano, e a de *Uranós* para exprimir a serenidade do céu, imitava tôdas as vozes da natureza desde o gorjeio dos pássaros até ao tinir das espadas e ao fragor da tempestade. Ela era multicor como o seu mar de um azul intenso mas mudável, multissonante como as vagas que murmuram nos seus golfos ou que estrondeiam sôbre os seus inumeráveis recifes — *polyphoisbos Thálassa*, como diz Homero.

Com êsses mercantes ou êsses piratas vinham muitas vêzes sacerdotes que, como senhores, os dirigiam e os mandavam, ocultando preciosamente na sua barca a imagem de madeira de uma divindade qualquer. Por certo que as imagens eram grosseiramente esculpidas, e que os marinheiros de então não tinham por elas o culto apaixonado que muitos dos seus colegas de hoje votam às suas madonas. Mas também era um fato êsses sacerdotes conhecerem certas ci-

Digitalizado com CamScanner

ências, e a divindade, que do seu templo traziam para um país estrangeiro, representar para êles uma concepção da natureza, um conjunto de leis, uma organização civil e religiosa, visto como nesses tempos tôda a vida intelectual derivava dos santuários.

Enquanto em Argos se adorava Juno, a Arcádia prestava culto a Artemisa, e em Pafos e em Corinto a Astartéia fenícia transformara-se na Afrodite, nascida da espuma das vagas. Na Ática tinham aparecido vários ini-

ciadores, e uma colônia egípcia trouxera para Elêusis o culto de Ísis sob a forma de Deméter (Ceres), mãe dos deuses. Erecteu estabelecera entre o monte Himeto e o Pantélico o culto duma deusa virgem, filha do céu azul, amiga da oliveira e da sabedoria, e, durante as invasões, ao primeiro sinal de alarme, a população corria a refugiar-se na Acrópole e apertava-se em volta da deusa como em volta de uma vitória viva.

Digitalizado com CamScanner

Acima das divindades locais, reinavam, é certo, alguns deuses masculinos e cosmogônicos; porém, relegados para as altas montanhas, eclipsados pelo cortejo brilhante das divindades femininas, tinham pequena influência. O deus solar, o Apolo délfico[1], já existia,

(1) Segundo a antiga tradição dos trácios, a poesia tinha sido inventada por *Olen*.

Ora, êste nome quer dizer em fenício o *Ser Universal*. Apolo tem igual raiz. *Ap Olen* ou *Ap Wholon* significa *Pai universal*. Primitiva-

mas não representava ainda senão um papel apagado. Junto dos cimos nevados do Ida, nas alturas da Arcádia e sob os carvalhos de Dodona, havia já sacerdotes de

mente o Ser Universal era adorado em Delfos com o nome de Olen. O culto de Apolo foi introduzido por um sacerdote inovador, impulsionado pela doutrina do verbo solar que percorria então os santuários da Índia e do Egito. Êsse reformador identificou o Pai universal com a sua dupla manifestação: a luz hiperfísica e o sol visível. Mas essa reforma não saiu nunca das profundezas do santuá-

Digitalizado com CamScanner

Zeus, o Muito-Alto, mas o povo preferia a êsse deus misterioso e universal, as deusas que representavam a natureza nos seus poderes ou sedutores ou terríveis. Os rios subterrâneos da Arcádia, as cavernas das montanhas que descem até às entranhas da terra, as erupções vulcânicas nas ilhas do mar

---

rio. Foi Orfeu que deu um poder novo ao verbo solar de Apolo, reanimando-o e eletrizando-o pelos mistérios de Diônisos. (Ver Fabre d'Olivet, *Les vers dorés de Pythagore*.).

Egeu, impressionando fortemente os gregos, tinham-nos disposto para aceitarem bem cedo o culto das fôrças misteriosas da terra.

Assim, quer nas suas alturas, quer nas suas profundezas era pressentida, temida e venerada. Todavia, como tôdas essas divindades não tinham nem centro social, nem síntese religiosa, faziam entre si uma guerra obstinada.

Os templos inimigos, as cidades rivais, os povos divididos pelos ritos, pela ambi-

Digitalizado com CamScanner

ção dos sacerdotes e dos reis, odiavam-se, invejavam-se e combatiam-se em lutas sangrentas.

Mas, por detrás da Grécia, havia a Trácia, rude e selvagem. Para o Norte fieiras de montanhas, cobertas de carvalhos gigantescos e coroadas de rochedos, sucediam-se em ondulosos cimos, desenrolavam-se em circos enormes ou enredavam-se em maciços nodosos.

Os ventos do setentrião aravam os seus flancos e as nuvens dum céu quase sem-

pre tempestuoso varriam os seus cimos. Pastôres dos vales e guerreiros das planícies pertenciam a essa forte raça branca, que constituía a grande reserva dos dóricos da Grécia, raça masculina por excelência, cuja beleza consistia na acentuação dos traços e na decisão do carácter e cuja fealdade era marcada por aquêle horrendo e aquêle grandioso que encontramos na máscara das Medusas e das antigas Górgonas.

Como todos os povos anti-

Digitalizado com CamScanner

gos que receberam a sua organização dos Mistérios, como o Egito, como Israel e como a Etrúria, a Grécia também teve a sua geografia sagrada, onde cada província era o símbolo duma região puramente intelectual e supraterrestre do espírito. Por que motivo foi a Trácia considerada(2) sempre pelos gre-

---

(2) *Trakia,* segundo Fabre d'Olivet, deriva do fenício *Rakhiwa*: o espaço etéreo ou o firmamento. O que é fora de dúvida é que, para os poetas e os iniciados da Grécia como Píndaro, Ésquilo

gos como o país santo por excelência, o país da luz e a verdadeira pátria das Musas? Porque nessas altas montanhas existiam os mais

---

ou Platão, o nome de Trácia tinha um sentido simbólico e significava o país da doutrina pura e da poesia sagrada, que dela procede. Essa palavra tinha, pois, para êles uma significação filosófica e histórica. Filosòficamente, designava uma região intelectual: o conjunto das doutrinas e das tradições que fazem proceder o mundo duma inteligência divina. Històricamente, êsse nome recordava o país e a raça onde a doutrina e a poesia dórica, êsse rebento vigoroso do

Digitalizado com CamScanner

velhos santuários de Cronos, de Zeus e de Uranos, donde tinham descido em rítmos eumólpicos a Poesia, as Leis e as Artes sagradas, como o provam os poetas fabulosos

---

antigo espírito ariano, tinha primeiro brotado, para em seguida reflorir na Grécia pelo santuário de Apolo. O uso dêsse gênero de simbolismo prova-se pela história posterior. Em Delfos havia uma classe de *sacerdotes trácios,* que eram os guardas da alta doutrina. O tribunal dos Anfictiões era antigamente defendido por uma *guarda trácia,* isto é, por uma guarda de iniciados. A tirania de Esparta suprimiu essa falange incorrutível,

da Trácia. Os nomes de Tâmiris, de Lino e de Anfião correspondem, talvez, a personagens reais, mas personificam principalmente, segundo a linguagem dos templos, outros tantos gêneros de poesia. Cada um dêles é a consagração da vitória duma teologia sôbre outra.

Nesses tempos, em que o indivíduo era nada e a dou-

---

substituindo-a por mercenários de fôrça brutal.

Mais tarde o verbo *traciar* foi aplicado irônicamente aos devotos das antigas doutrinas.

Digitalizado com CamScanner

trina e a obra tudo, a história só se escrevia alegòricamente. Tâmiris, que cantou a guerra dos Titãs e que as Musas enceguecerам, anuncia a derrota da poesia cosmogônica por metros novos.

Lino, que introduziu na Grécia os cantos melancólicos da Ásia e foi morto por Hércules, significa a invasão da Trácia por uma poesia emocional, elegíaca e voluptuosa, que o espírito viril dos dóricos do norte primeiro repeliu, e, ao mesmo tempo, exprime a vitória dum

culto lunar sôbre um culto solar. Pelo contrário, Anfião, que, segundo a legenda alegórica, fazia com os seus cantos mover as pedras e construía templos ao som da sua lira, representa a fôrça plástica que a doutrina solar e a poesia dórica ortodoxa exerceram sôbre as artes e sôbre tôda a civilização helênica(3).

---

(3) Estrabão afirma positivamente não ser a poesia antiga senão a língua da alegoria. Dinis de Halicarnasso confirma-o e confes-

Digitalizado com CamScanner

Bem diferente é a luz que Orfeu irradia! Êle brilha através das idades com o cunho pessoal dum gênio criador, cuja alma vibra amorosamente nas suas más-

---

sa que um véu cobria os mistérios da natureza e as mais sublimes concepções morais. Não é, pois, por uma simples metáfora que a poesia se chama *a língua dos deuses*. Êsse sentido secreto e mágico, que constitui a sua fôrça e o seu encanto, contém-se no seu próprio nome. A maior parte dos filólogos deriva a palavra poesia do verbo grego *poiein*, fazer, criar. Etimologia simples e aparentemente muito

culas profundezas pelo Eterno-Feminino, êsse Eterno-Feminino que vive e palpita, sob uma forma tríplice, na Natureza, na Humanidade e

---

natural, ela é, no entanto, pouco conforme com a língua sagrada dos templos, donde saiu a poesia primitiva. É mais lógico admitir, como o quer Fabre d'Olivet, que *poiésis* venha do fenício *phobe* (bôca, voz, linguagem, discurso) e de *ish* (ser superior, ser princípio, ou figuradamente: Deus). O etrusco *Aes* ou *Aesar*, o gálico *Aes*, o escandinavo *Aes*, o copta *Os* (Senhor), o egípcio *Osíris*, tem a mesma raiz.

Digitalizado com CamScanner

no Céu. A adoração dos santuários, a tradição dos iniciados, o grito dos poetas, a voz dos filósofos — e, mais do que tudo isto, a sua obra, a Grécia orgânica — testemunham eficazmente a sua realidade viva!

Nesses tempos, a Trácia, vivia numa luta encarniçada e constante. Os cultos solares e os cultos lunares disputavam a supremacia, e essa guerra entre os adoradores do sol e da lua não era, como se poderia crer, uma

disputa fútil entre duas superstições, visto que êles representavam duas teologias, duas cosmogonias, duas religiões e duas organizações sociais absolutamente opostas. Os cultos uranianos e solares tinham os seus templos sôbre as alturas, nas montanhas, sacerdotes masculinos, e leis severas. Os cultos lunares reinavam nas florestas, em vales profundos; e tinham por sacerdotisas mulheres, ritos voluptuosos, o exercício desregra-

Digitalizado com CamScanner

do das artes ocultas e o gôsto da excitação orgiástica. Entre os sacerdotes do Sol e as sacerdotisas da Lua havia uma guerra de morte, a luta dos sexos, luta antiga, inevitável, aberta ou oculta, mas eterna, entre o princípio masculino e o princípio feminino, entre o homem e a mulher, que enche a história com as suas alternativas e na qual se representa o segrêdo dos mundos. Assim como a fusão perfeita do masculino e do feminino

constitui a própria essência e o mistério da divindade, assim também só o equilíbrio dêsses dois princípios poderá produzir as grandes civilizações.

Porém, por tôda a parte, tanto na Trácia como na Grécia, os deuses masculinos, cosmogônicos e solares tinham sido relegados para as altas montanhas, para os sítios desertos. O povo preferia-lhe o cortejo inquietador das divindades femininas, que evocavam as pai-

Digitalizado com CamScanner

xões perigosas e as fôrças cegas da natureza. Êsses cultos davam à divindade o sexo feminino.

Daí começaram a resultar terríveis abusos. Entre os trácios, as sacerdotisas da Lua, da tríplice Hécate, tinham garantido a sua supremacia apropriando-se do velho culto de Baco, imprimindo-lhe um caráter sangrento e temível e tomando, em sinal da sua vitória, o nome de bacantes, como para marcar o reinado soberano da

mulher, o seu domínio sôbre o homem.

A um tempo mágicas, sedutoras e sacrificadoras sangrentas de vítimas humanas, elas tinham os seus santuários em vales afastados e selvagens. Por que sombrio encanto, por que curiosidade ardente, mulheres e homens eram atraídos a essas solidões duma vegetação luxuriante e grandiosa?

Formas nuas, danças lascivas no fundo dum bosque,

Digitalizado com CamScanner

depois risos, um grande grito — e cem bacantes se lançavam sôbre o estrangeiro para o derrubar: Êste devia jurar submeter-se aos seus ritos, ou morrer. Elas domesticavam panteras e leões, que faziam figurar nas suas festas. De noite, com serpentes enroladas nos braços, prostravam-se diante da tríplice Hécate; depois, em rondas frenéticas, cercavam Baco subterrâneo, de sexo duplo e de cabeça de tou-

ro(4). Mas, desgraçado do sacerdote de Júpiter e de Apo-

---

(4) O Baco com cara de touro encontra-se no XXIX hino órfico. É uma recordação do antigo culto, que de modo algum pertence à pura tradição de Orfeu, visto que êste depurou e transfigurou inteiramente o Baco popular no Diônisos celeste, símbolo do espírito divino que evolui através todos os reinos da natureza. Coisa curiosa: nós vamos encontrar o Baco infernal das bacantes no Satã com cara de touro dos noturnos sabats das feiticeiras da Idade Média. É o famoso *Baphomet*, do qual a Igreja acusou os templários de serem sequazes com o fim de os desacreditar.

Digitalizado com CamScanner

lo, que as viesse espiar. Era logo feito em postas.

As bacantes primitivas foram, pois, as druidisas da Grécia. Muitos chefes trácios permaneceram fiéis aos cultos masculinos. Mas as bacantes tinham-se sabido insinuar de tal modo no ânimo de alguns dos seus reis, que aos luxos e aos refinamentos da Ásia uniam os costumes mais selvagens; que haviam acabado por os seduzir com a sua volúpia e por os dominar pelo terror.

Assim os deuses tinham dividido a Trácia em dois campos inimigos. Porém, enquanto os sacerdotes de Júpiter e de Apolo, sôbre os cumes das suas montanhas desertas, visitadas pelo raio, se viam impotentes para lutar contra Hécate, esta triunfava nos vales ardentes e, cá de baixo, começava a ameaçar os altares dos filhos da luz.

Por êsse tempo aparecera na Trácia um jovem de raça real e de uma sedução ma-

Digitalizado com CamScanner

ravilhosa. Diziam-no filho duma sacerdotisa de Apolo. Numa voz melodiosa, que tinha um estranho encanto, êle falava dos deuses em um rítmo novo. Parecia inspirado. A sua cabeleira loira, que era o orgulho dos dóricos, caía-lhe em ondas doiradas sôbre os ombros; a música que corria dos seus lábios prestava um triste e suave contôrno aos cantos de sua bôca; os seus olhos, dum azul profundo, resplandeciam cheios de fôrça, de magia e

de doçura. Invejosos, os trácios selvagens evitavam contemplá-lo; mas as mulheres, consumadas na arte dos encantos, diziam que êsses olhos misturavam no seu filtro azul as flechas do sol às carícias da lua. As próprias bacantes, curiosas da sua beleza, rodavam freqüentemente à sua volta como panteras amorosas, vaidosas pelas suas peles mosqueadas, sorrindo às palavras incompreensíveis do moço.

Digitalizado com CamScanner

De repente êsse rapaz esbelto, a quem chamavam o *filho de Apolo*, desapareceu. Uns diziam que morrera, outros que tinha descido aos infernos. A verdade é que êle fugira secretamente para Samotrácia, e daí seguira para o Egito, onde fôra pedir asilo aos sacerdotes de Mênfis. Depois, ao cabo de vinte anos, tendo atravessado os seus Mistérios, regressou com um nome de iniciação, que conquistara pelas provas do seu

noviciado e que recebera dos seus mestres como um sinal da sua missão. Chamava-se agora Orfeu ou Arfa(5), o que significa: *Aquêle que cura pela luz.*

No alto do monte Caucaion elevava-se o mais antigo dos santuários de Júpiter. Outrora os seus hierofantes tinham sido grandes pontífices, e, do cimo dessa montanha, ao abrigo das surprêsas

(5) Palavra fenícia composta de *aour*, luz e de *rophae*, cura.

Digitalizado com CamScanner

e dos ataques, haviam reinado sôbre tôda a Trácia. Porém, desde que dominavam as divindades de baixo, os seus aderentes eram em número muito reduzido e o templo estava quase abandonado. Por isso, Orfeu foi acolhido pelos seus sacerdotes como um salvador, e o iniciado do Egito soube, pela sua ciência e pelo seu entusiasmo, arrastar a maior parte dos trácios, transformando completamente o culto de Baco e dominando as bacantes.

Bem depressa a sua influência foi tamanha que penetrou em todos os santuários da Grécia. Foi êle que consagrou a realeza de Zeus na Trácia, e de Apolo em Delfos, onde também lançou as bases do tribunal dos Anfictiões, de que provém a unidade social da Grécia. Finalmente, pela criação dos Mistérios, formou a alma religiosa da sua pátria, fundindo, no ácume da iniciação, a religião de Zeus com a de Diônisos em um pensamento

Digitalizado com CamScanner

universal. Os iniciados recebiam pelo seu ensino a pura luz das verdades sublimes, e esta luz chegava ao povo mais tamisada, mas não menos benéfica, sob o véu da poesia e das festas encantadoras.

Foi por esta forma que Orfeu se tornou o pontífice da Trácia, grande sacerdote de Zeus Olímpico, e, para os iniciados, o revelador do Diônisos celeste.

O TEMPLO DE JÚPITER

O monte Caucaion, que se segue junto às nascentes do Ebro, cingido por espêssas florestas de carvalhos e coroado por uma tiara de rochedos e de pedras ciclópicas, era considerado há milhares de anos como uma montanha sagrada. Os pelasgos, os celtas, os citas e os getas, que se guerreavam

Digitalizado com CamScanner

uns aos outros, ali vieram, cada um por sua vez, adorar deuses diferentes. Mas não será sempre o mesmo Deus que o homem busca, quando sobe tão alto? E, se assim não é, por que razão então o edificar-lhe com tanto trabalho uma habitação numa região em que só vivem os ventos e o raio?

Agora, ao centro do recinto sagrado, ergue-se, maciço, inabordável como uma fortaleza, o templo de Júpiter, cujo peristilo de quatro co-

lunas dóricas destaca os seus fustes enormes sôbre um pórtico sombrio.

Ao zênite o céu está sereno, mas o trovão ribomba ainda sôbre as montanhas da Trácia, que, como um negro oceano convulsionado pela tempestade e zebrado de luz, desdobram ao longe os seus vales e os seus píncaros.

É a hora do sacrifício, mas os sacerdotes do Caucaion só praticam o do fogo. Por isso, descendo as escadas do templo, êles vêm acender com

Digitalizado com CamScanner

um facho do santuário a oferenda de madeira aromática. Depois, o pontífice aparece trazendo os símbolos de uma realeza misteriosa. Vestido como os outros de linho branco, poisa-lhe na cabeça uma coroa de mirto e cipreste; na mão empunha um cetro de ébano com cabeça de marfim e cinge-lhe os rins um cinto de ouro e de cristais, que lançam clarões ardentes. É Orfeu.

Êle conduz pela mão um discípulo, filho de Delfos,

que, pálido, trêmulo e maravilhado, aguarda, com o arrepio dos mistérios, as palavras do grande Inspirado. Orfeu compreende a comoção do misto eleito da sua alma, e, para o tranquilizar, cinge-o a si com o seu braço. Os seus olhos, que sorriam, flamejam agora. E enquanto que a seus pés os sacerdotes giram em volta do altar cantando o hino do fogo, Orfeu solenemenete diz ao misto bem amado as palavras de iniciação, que caem

Digitalizado com CamScanner

no fundo da sua alma como um licor divino.

Eis aqui as palavras aladas de Orfeu ao jovem discípulo:

"Dobra-te sôbre ti mesmo para te elevares ao Princípio das coisas, à grande Tríade que flameja no Éter imaculado. Consome o teu corpo com o fogo do teu pensamento; desliga-te da matéria como a chama da madeira que devora. Então, o teu espírito se elevará ao éter puro das Causas eter-

nas, como a águia ao trono de Júpiter.

"Eu vou revelar-te o segrêdo dos mundos, a alma da natureza, a essência de Deus. Ouve primeiro o grande arcano. Um ser único reina no céu profundo e no abismo da terra, Zeus tonante, Zeus etéreo. Êle é o conselho profundo, o castigo poderoso e o amor dulcíssimo. Reina nas profundezas da terra e nas alturas dos céus estrelados: sôpro das coisas, fogo indomado, macho e fê-

Digitalizado com CamScanner

mea, um Rei, um Poder, um Deus, um grande Senhor.

"Júpiter é o espôso e a espôsa divina. Homem e Mulher, Pai e Mãe. Do seu casamento sagrado, das suas bodas eternas sai incessantemente o Fogo e a Água, a Terra e o Éter, a Noite e o Dia, os Titãs altivos, os deuses imutáveis e a semente ondeante dos homens.

"Os amôres do Céu e da Terra não são conhecidos dos profanos. Os mistérios do Espôso e da Espôsa só aos

homens divinos são revelados. Porém, eu quero declarar o que é verdadeiro. Ainda agora o trovão abalava êsses rochedos; o raio caía sôbre êles como um fogo vivo, uma chama ondulante; e os ecos da montanha berravam de alegria. Porém tu, tu tremias não sabendo donde vem êsse fogo nem onde êle cai. É o fogo masculino, semente de Zeus, o fogo criador. Êle sai do coração e do cérebro de Júpiter; êle move-se em todos os sêres.

Digitalizado com CamScanner

Quando tomba o raio, êle brota da sua mão direita. Mas nós, os seus sacerdotes, nós conhecemos a sua essência, nós evitamos e, a revêzes, dirigimos as suas frechas.

"E, agora, contempla o firmamento. Vê êsse círculo brilhante de constelações sôbre as quais poisa a mantilha leve da Via Láctea, poeira de sóis e de mundos. Vê flamejar Órion, cintilar os Gêmeos, e resplandecer a Lira. É o corpo da Espôsa divina

que, aos cantos do Espôso, volteia num transporte luminoso. Olha, com os olhos do espírito, e tu verás a sua cabeça derrubada, os seus braços estendidos e poderás levantar o seu véu semeado de estrêlas.

"Júpiter é o Espôso e a Espôsa divina. Eis o primeiro mistério.

Mas, agora, filho de Delfos, prepara-te para a segunda iniciação. Estremece, chora, goza, adora! Porque o teu espírito vai mergulhar na

Digitalizado com CamScanner

zona ardente onde o grande Demiurgo faz a mistura da alma e do corpo na taça da vida. Tocando nessa taça embriagadora, todos os sêres esquecem a morada divina e descem ao abismo doloroso das gerações.

"Zeus é o grande Demiurgo. Diônisos é o seu filho, o seu Verbo revelado. Diônisos, espírito radioso, inteligência viva, resplandecia na casa de seu pai, no palácio do Éter imutável. Um dia que, debruçado, contempla-

va os abismos do céu através das constelações, viu refletido no azul profundo a sua própria imagem, que lhe estendia os braços. Apaixonado por êsse belo fantasma, amoroso do seu duplo, precipitou-se para o alcançar. Mas a imagem fugia, fugia sempre e atraía-o para o fundo do vórtice. Finalmente, encontrou-se em um vale assombreado e perfumado, gozando com as brisas voluptuosas que lhe acariciavam o corpo. Em uma gruta

Digitalizado com CamScanner

descobre Perséfona[1]. Maia, a bela tecedeira, tecia um véu, onde se viam ondular as figuras de todos os sêres. Diante da virgem divina êle ficou mudo de espanto. Nesse instante, os Titãs altivos, as livres Titânidas, viram-no.

"Os primeiros, ciumentos da sua beleza, as últimas, tomadas dum amor louco, lançaram-se sôbre êle como os

---

(1) Mais tarde, nacionalizada já no panteão clássico de Roma, Perséfona torna-se Prosérpina.

elementos furiosos e fizeram-no em postas. Depois, distribuindo entre si os seus membros, fizeram-nos ferver em água e enterraram o seu coração. Júpiter fulminou os Titãs e Minerva levou para o Éter o coração de Diônisos, e, ali, êle tornou-se um sol ardente. Porém, da exalação do corpo de Diônisos, saíram as almas dos homens que sobem para o céu. Quando as pálidas sombras atingirem o coração flamejante do deus, elas iluminar-se-ão como

Digitalizado com CamScanner

chamas, e Diônisos, inteiro, ressuscitará mais vivo do que nunca, nas alturas do Empíreo.

"Eis o mistério da morte de Diônisos. Agora ouve o da sua ressurreição. Os homens são a carne e o sangue de Diônisos: os homens desgraçados são os seus membros esparsos, que se buscam, torcendo-se no ciúme e no ódio, na dor e no amor, através de milhares de existências. O calor ígneo da terra, o abismo das fôrças inferiores,

atrai-os sempre, cada vez mais, para o báratro, perdendo-os.

Porém, nós, os iniciados, nós que sabemos o que existe no alto e o que existe em baixo, nós somos os salvadores das almas, os Hermes dos homens. Como ímãs atraímo-los a nós, atraídos nós próprios por Deus. Assim, por celestes encantamentos, reconstituímos o corpo vivo da divindade. Nós fazemos chorar o céu e alegrar-se a terra; e, como jóias

Digitalizado com CamScanner

preciosas, trazemos no coração as lágrimas de todos os sêres para as transformar em sorrisos. Deus morre em nós; em nós renasce.

Assim falou Orfeu. O discípulo de Delfos ajoelhava-se diante do seu mestre, com os braços erguidos, num gesto de súplica. E o pontífice de Júpiter, estendendo a mão sôbre a sua cabeça, pronunciou estas palavras de consagração:

"Que Zeus inefável e Diônisos três vêzes revelador,

nos infernos, na terra e no céu, seja propício à tua mocidade e que êle verta no teu coração a ciência dos deuses."

Então, o iniciado, abandonando o peristilo do templo ia deitar o estoraque e invocar por três vêzes o Zeus tonante, enquanto os sacerdotes giravam em tôrno dêle cantando um hino. O pontífice rei, êsse conservava-se pensativo sob o pórtico com o braço apoiado sôbre uma estela.

Digitalizado com CamScanner

O discípulo, dirigindo-se-lhe, dizia:

"— Melodioso Orfeu, filho amado dos Imortais e doce médico das almas, desde o dia em que na festa de Apolo délfico te ouvi cantar os hinos dos deuses, maravilhaste o meu coração e eu segui-te para tôda a parte. Os teus cantos são como um vinho que embriaga, as tuas doutrinas como um remédio amargo que alivia o corpo abatido e espalha nos seus membros uma fôrça nova.

"— É áspero o caminho que conduz daqui de baixo aos deuses, diz Orfeu, que antes parecia responder a vozes interiores do que ao seu discípulo. Uma vereda florida, uma ladeira escarpada e, depois, rochedos visitados pelo raio com o espaço imenso à volta — eis o destino do Vidente e do Profeta sôbre a terra. Meu filho, fica na vereda florida da planície e não procures saber o que há para além.

"— A minha sêde aumenta à medida que tu a desalte-

Digitalizado com CamScanner

ras, responde o moço iniciado. Fizeste-me conhecer a essência dos deuses. Mas, diz-me agora, ó grande mestre dos mistérios, inspirado do divino Eros, poderei eu *vê-los* algum dia?

"— Com os olhos do espírito, sim, diz o pontífice de Júpiter, mas não com os do corpo. Ora, tu ainda não sabes ver senão com êstes. É necessário um longo trabalho ou grandes dores para abrir os olhos de dentro.

"— Só tu no-los sabes

abrir, Orfeu! Contigo que poderei recear?

"— É então bem verdade que assim o queres? Escuta, pois. Na Tessália, no vale encantado do Tempe, eleva-se um templo místico, que está cerrado aos profanos. É lá que Diônisos se manifesta aos mistos e aos videntes. Convido-te para ali assistires à festa do ano próximo. Então, mergulhando-te num sono mágico, abrir-te-ei os olhos para que vejas o mundo divino. Que, até lá, a tua

Digitalizado com CamScanner

vida seja casta e branca a tua alma. Porque é preciso que saibas que a luz de Deus apavora os fracos e mata os profanadores.

"— Mas, vem a minha casa. Dar-te-ei o livro necessário para a tua preparação."

O mestre, acompanhado do discípulo, recolheu ao templo conduzindo o iniciado délfico à grande cela que lhe estava reservada. Uma lâmpada egípcia, que estava sempre acesa e tinha um gênio alado de metal forjado,

iluminava cofres de cheiroso cedro onde estavam dispostos numerosos rolos de papiro cobertos de hieróglifos egípcios e de caracteres fenícios, assim como vários livros escritos em língua grega por Orfeu, e que encerravam a sua ciência mágica e a sua doutrina secreta(2).

---

(2) Entre os numerosos livros perdidos que os escritores órficos da Grécia atribuíam a Orfeu, havia as *Argonáuticas*, que tratavam da grande obra hermética; uma *Demetreida*, um poema sôbre a

Digitalizado com CamScanner

Mestre e discípulo entretiveram-se na cela durante uma parte da noite.

---

mãe dos deuses, ao qual correspondia uma *Cosmogonia; Os cantos sagrados de Baco* ou o Espírito puro, que tinham por complemento uma *Teogonia,* isto sem falar de outras obras como o *Véu ou o laço das almas,* a arte dos mistérios e dos ritos; *O Livro das Transformações,* química e alquimia; *As Coribantes,* ou os mistérios terrestres e os tremores de terra; *O Anemoscópio,* ciência da atmosfera; uma botânica natural e mágica, etc...

FESTA DIONÍSICA NO VALE DE TEMPE (1)

Era na Tessália, no fresco vale do Tempe, pela noite

---

(1) Pausânias conta que, todos os anos, uma teoria se dirigia de Delfos ao vale do Tempe, para ali colhêr o loureiro sagrado. Êste costume significativo servia para recordar aos discípulos de Apolo que se encontravam ligados à iniciação órfica e que a inspiração inicial de Orfeu era o tronco anti-

Digitalizado com CamScanner

santa, consagrada por Orfeu aos mistérios de Diônisos.

Conduzido por um servo

---

go e vigoroso do qual o templo de Delfos colhia os ramos sempre frescos e vivos.

Esta fusão entre a tradição apolínea e a tradição órfica marca-se ainda por outra forma na história dos templos. Com efeito, a célebre disputa entre Apolo e Baco por causa da trípode do templo não tem outro sentido. Baco, diz a lenda, cedeu a trípode a seu irmão e retirou-se para o Parnaso. Isto quer dizer que Diônisos e a iniciação órfica ficaram privilégio dos iniciados, ao passo que Apolo oferecia os seus oráculos ao público.

do templo, o discípulo de Delfos caminhava por uma garganta estreita e profunda bordada por rochedos a pique, ouvindo apenas no negror da noite o murmúrio do rio, que corria entre as suas ribas de verdura.

Por fim a lua cheia mostrou-se por detrás duma montanha: o seu disco amarelo surdiu da cabeleira negra dos rochedos; a sua luz sutil e magnética deslizou nas profundezas; e, de súbito, o vale encantador apare-

Digitalizado com CamScanner

ceu em uma claridade elísia. Maravilha suprema! Num instante tôda a paisagem eterizada se revelou com os seus fundos de fresca relva, os seus bosquezinhos de freixos e choupos, as suas fontes cristalinas, as suas grutas cobertas de heras pendentes, o seu rio sinuoso abraçando ilhas de árvores ou rolando por sôbre berços de verdura. Um vapor loiro, um sono voluptuoso, envolvia as plantas. Sorrisos de ninfas pareciam fazer palpitar o espê-

lho das fontes, enquanto dos canaviais imóveis se escapavam sons vagos de flautas. E, sôbre tôdas as coisas, pairava o silencioso encantamento de Diana.

O discípulo de Delfos caminhava como em um sonho. Por vêzes parava para respirar um delicioso perfume de madresilva ou de loureiro amargo. Mas a claridade mágica do luar só durou um instante. Uma nuvem negra ocultou a lua, e, de novo, tudo se tornou escuro. Os

Digitalizado com CamScanner

rochedos retomaram as suas formas ameaçadoras, e luzes errantes começaram a brilhar de todos os lados sob a espessura dos arvoredos, nas margens do rio e nas profundezas do vale.

— São os mistas, informa o velho guia do templo, que se põem a caminho. Cada cortejo tem o seu guia, que é o portador do facho. Vamos seguí-los.

Meteram-se a caminho e encontraram coros que saíam dos arvoredos.

Primeiro, viram passar *os mistas do moço Baco*, adolescentes vestidos com longas túnicas de fino linho, coroados de hera, e que levavam taças de madeira cinzelada, símbolos da taça da vida. A êstes seguiam-se moços altivos e vigorosos, vestindo túnicas curtas, as pernas nuas, uma pele de leão cobrindo-lhe as espáduas e os rins, e com coroas de oliveira na cabeça. Eram os *mistas de Hércules lutador*. Por último, vinham os inspi-

Digitalizado com CamScanner

rados, os *mistas de Baco lacerado*, com peles zebradas, de panteras, cingindo-lhes o corpo, faixas de púrpura nos cabelos e empunhando tirsos.

Quando passavam junto duma caverna, viram prostrados por terra os *mistas de Aidoneu e de Eros subterrâneo*, que, chorando os parentes ou os amigos mortos, cantavam em voz baixa "Aidoneu! Aidoneu! restitui-nos aquêles que nos levaste, ou faze-nos descer ao teu reino". O vento, engolfando-se

na caverna, parecia prolongar por debaixo da terra os risos e os soluços fúnebres.

De repente, um mista, voltando-se para o discípulo de Delfos, diz-lhe: "Tu passaste o limiar de Aidoneu e não tornarás a ver a luz dos vivos". Um outro, roçando-o ao passar, segreda-lhe estas palavras: "Sombra, tu serás a prêsa da sombra; tu, que vens da Noite, volta para Érebo!". E fugiu, correndo.

Sentindo-se gelar de terror, o discípulo de Delfos

Digitalizado com CamScanner

interroga o seu guia: "Que quer isso dizer?" Mas o servo, parecendo não ter ouvido nada, limitou-se a responder: "É necessário passar a ponte. Ninguém evita o fim". E, em seguida, atravessaram ambos uma ponte de madeira lançada sôbre o Peneu.

— De onde vêm, pergunta o neófito, estas vozes solucantes e esta melopéia triste? Que são essas sombras brancas, que caminham em longas filas por debaixo dos álamos?

— São as mulheres que se vão iniciar nos mistérios de Diônisos.

— Sabes os seus nomes?

— Aqui nenhuma pessoa conhece o nome de outra, e cada um procura esquecer o seu, porque, assim como à entrada do domínio sagrado, os mistas deixam os seus vestuários manchados, para depois de se banharem no rio, envergar vestidos puros de linho, assim também cada um abandona o seu nome para receber um outro.

Digitalizado com CamScanner

Todos, durante sete dias e sete noites, se transformam, passando a uma outra vida. Olha para tôdas essas teorias de mulheres e verás que elas não se agrupam segundo as suas famílias ou as suas pátrias, mas segundo o deus que as inspira.

Então, viram desfilar raparigas coroadas de narciso, com peplos azulados, levando, castamente enlaçados nos seus braços, cofres, urnas e vasos votivos às quais o guia chamava as *ninfas companheiras de Perséfona.*

Em seguida, vinham, com os peplos vermelhos, as *amantes místicas, as espôsas ardentes, as adoradoras de Afrodite.* Estas meteram-se por bosque escuro, de onde se ouviam sair apelos violentos misturados a soluços lânguidos, que, pouco a pouco, se foram apagando. Depois, elevou-se do bosque sombrio de mirtos um côro apaixonado, que subiu ao céu em lentas palpitações. "Eros! tu nos feriste! Afrodite! tu quebraste os nossos

Digitalizado com CamScanner

membros! Nós cobrimos o seio com a pele do corçozinho, porém trazemos no peito a púrpura sangrenta das nossas feridas. O nosso coração é um braseiro devorador. Outras morrem de pobreza: a nós consome-nos o amor. Devora-nos, Eros! ou liberta-nos, Diônisos! Diônisos"!

Uma outra teoria avançou. Era composta de mulheres completamente vestidas de negro, com longos, lutuosos véus de lã a arrastar pelo chão e que choravam a mor-

te de esposos queridos. O guia chamou-lhes: *as dolorosas de Perséfona.* Nesse local havia um grande mausoléu de mármore revestido de heras. As viúvas ajoelhavam-se em volta, desatavam os cabelos, e, lançando grandes gritos, respondiam à estrofe do desejo com a antístrofe da dor.

"Perséfona, diziam, tu morreste arrebatada por Aidoneu e com êle desceste ao império dos mortos. Porém, nós, que choramos o bem-amado,

Digitalizado com CamScanner

somos como mortas-vivas. Que para nós o dia nunca mais nasça. Que a terra que te cobre, ó grande deusa! nos dê o sono eterno e que a nossa sombra erre enlaçada na sombra adorada! Perséfona! Perséfona, tem piedade de nós!"

Diante dessas cenas estranhas, sob o delírio contagioso dessas dores profundas, o discípulo de Delfos sentia-se invadido por mil sensações contrárias e torturantes. Já não se julgava êle: os dese-

jos, os pensamentos, as agonias de todos êsses sêres tornavam-se os seus próprios desejos e as suas próprias agonias. A sua alma dividia-se para viver em mil corpos. Uma angústia mortal o penetrava e já não sabia se era homem ou sombra.

Então, um iniciado de estatura avantajada, que passava, parou e disse: "Paz às sombras aflitas! Mulheres que sofreis, aspirai à luz de Diônisos. Orfeu espera-vos!" Silenciosas, desfolhando as

Digitalizado com CamScanner

suas coroas de asfódelos, rodearam-no tôdas, e, com o seu tirso, êle mostrou-lhes o caminho. De novo as teorias se formaram, e o cortejo, depois das mulheres terem bebido pelas suas taças de madeira a água duma fonte, pôs-se em marcha. Porém, agora, eram as donzelas que seguiam à frente cantando um treno cujo refrém era êste: "Agitai as papoilas! Bebei a água do Letes! Dai-nos a flor desejada e que para nossas irmãs refloresça

o narciso! Perséfona! Perséfona!"

O discípulo caminhou muito tempo ainda acompanhado pelo seu guia; ora atravessando prados onde crescia o asfódelo, ora seguindo sob a sombra dos choupos, que murmuravam tristemente. Aos seus ouvidos chegavam cantos lúgubres, que pairavam no ar e vinham sem se saber de onde; os seus olhos topavam com máscaras horríveis e com figurinhas de crianças feitas

Digitalizado com CamScanner

de cêra, enfaixadas, suspensas das árvores. Aqui e ali, barcas atravessavam o rio transportando vultos silenciosos como mortos.

Por fim o vale alargou-se, o céu tornou-se claro por cima das altas montanhas e a aurora surgiu. Ao longe percebiam-se as sombrias gargantas do Ossa, sulcadas de abismos onde se amontoam os rochedos desabados. Mais perto, ao meio dum círculo de montanhas, brilhava sôbre uma colina assoalhada o templo de Delfos.

O sol começava a doirar os cimos dos montes e, à medida que se aproximavam do templo, viam chegar de tôda a parte cortejos de mistas, teorias de mulheres e grupos de iniciados. Esta multidão, aparentemente grave, mas interiormente agitada por uma ansiedade tumultuosa, encontrou-se ao pé da colina e, agitando os ramos e os tirsos e saudando-se mùtuamente como a amigos, subiu para as proximidades do santuário.

Digitalizado com CamScanner

O guia desaparecera. O discípulo de Delfos encontrou-se sem saber como, em um grupo de iniciados com os cabelos luzidios entrelaçados de coroas e de faixas de várias côres. Êle nunca os vira e, no entanto, julgava reconhecê-los, e essa recordação enchia-o de felicidade e alegria. Também êles pareciam esperá-lo, porque o saudavam como a um irmão felicitando-o pela sua feliz chegada. Arrastado no seu grupo, e como levado sô-

bre asas, subiu até aos degraus mais altos do templo quando uma onda de luz cegante lhe bateu nos olhos. Era o sol nascente que lançava a sua primeira seta no vale e circundava com os seus raios brilhantes essa multidão de mistas e de iniciados, agrupados sôbre as escadarias do templo e pela colina afora.

De repente um côro de vozes entoou o peão, as portas do templo abriram-se por si mesmas e o profeta, o hiero-

Digitalizado com CamScanner

fante, Orfeu surgiu, acompanhado do hermes e do porta-facho. O discípulo de Delfos, reconhecendo-o, teve um frêmito de alegria. Vestido de púrpura, com a lira de ouro e marfim na mão, Orfeu, que resplandecia duma juventude eterna, disse:

"Saúde a todos que viestes para renascer após as dores da terra e que renasceis neste instante. Vinde beber a luz do templo, vós todos que saístes da noite, mistas, mulheres, iniciados. Vinde ale-

grar-vos, vós que sofrestes; vinde repousar, vós que lutastes. O sol, que eu evoco sôbre as vossas cabeças e que vai brilhar nas vossas almas, não é sol dos mortais; é a luz pura de Diônisos, o grande sol dos iniciados. Pelos vossos sofrimentos passados, pelo esfôrço que vos traz, vós vencereis, e, se acreditais nas palavras divinas, então já sois vencedores.

"Porque, após o longo circuito das existências tenebrosas, vós saireis finalmen-

Digitalizado com CamScanner

te do círculo doloroso das gerações, e todos vos encontrareis, como um só corpo, como uma só alma, na luz de Diônisos!

"A centelha divina, que nos guia sôbre a terra existe em nós: ela torna-se facho no templo, estrêla no céu. Assim engrandece a luz da Verdade! Escutai vibrar a Lira das sete cordas, a Lira de Deus... Ela faz mover os mundos. Ouvi bem! que o som vos atravesse... e

abrir-se-ão as profundezas dos céus!

"Socorro aos fracos, consolação aos que sofrem, esperança a todos! Mas desgraça aos maus, aos profanos! Êles serão confundidos, porque no êxtase dos Mistérios, cada um vê até ao fundo a alma do outro. Ali os maus são feridos pelo terror e os profanadores pela morte.

"E, agora que Diônisos luziu sôbre vós, eu invoco Eros celeste e tôda poderosa. Que ela seja em vossos amôres,

Digitalizado com CamScanner

em vossos choros, nas vossas alegrias. Amai; porque tudo ama, os demônios do abismo e os deuses do Éter. Amai; porque tudo ama. Mas amai a luz e não as trevas. Lembrai-vos do fim durante a viagem. Quando as almas volteiam na luz, elas trazem como manchas sujas, sôbre o seu corpo sideral, tôdas as faltas da sua vida... E, para as apagar, é necessário que expiem e que regressem à terra... Mas os puros, mas os fortes, vão para o sol de Diônisos.

"E agora, cantai o Evoé!(2) Evoé! gritam os arautos aos quatro cantos do tem-

---

(2) O grito de Evoé! que na realidade se pronuncia: *Hê, Vau, Hê,* era o grito sagrado de todos os iniciados do Egito, da Índia e da Fenícia, da Ásia Menor e da Grécia. As quatro letras sagradas pronunciadas como se segue: *Iod-Hê, Vau, Hé,* representavam Deus na sua fusão eterna com a Natureza; abraçavam a totalidade do Ser, o Universo vivo. *Iod* (Osíris) significava a divindade pròpriamente dita, o intelecto criador, o *Eterno-Masculino* que está em tudo, por tôda a parte e acima de tudo. *Hé,-Vau-Hé* representava o *Eterno-*

Digitalizado com CamScanner

plo. Evoé! repetem os címbalos. Evoé! responde a assembléia entusiasta agrupada

---

-*Feminino*. Era, Ísis, a Natureza, sob tôdas as suas formas visíveis e invisíveis fecundadas por êle. A mais alta iniciação, a das ciências teogônicas e das artes teúrgicas correspondia à letra *iod*. Uma outra ordem de ciências correspondia a cada uma das letras de *Evoé*. Tal como Moisés, Orfeu, reservou as ciências que correspondem à letra *iod* (Iove, Zeus, Júpiter) e a idéia da unidade de Deus aos iniciados de primeiro grau, procurando mesmo interessar nêle o povo pela poesia, pelas artes e pelos seus símbolos vivos. É por

sôbre as escadas do santuário. E o grito de Diônisos, o apêlo sagrado à renascença,

---

isso que o grito de evoé! era abertamente proclamado nas festas de Diônisos, onde eram admitidos, além dos iniciados, os simples aspirantes aos Mistérios.

Nisto se vê tôda a diferença que havia entre a obra de Moisés e a obra de Orfeu. Ambos partem da iniciação egípcia e possuem a mesma verdade, mas aplicam-na num sentido oposto. Moisés àsperamente, ciosamente, glorifica o Pai, o Deus masculino, confiando a sua guarda a um sacerdócio fechado e submetendo o povo a uma disciplina implacável, sem revelação.

Digitalizado com CamScanner

à vida, rolou no vale, repetido por mil peitos, repercutido por todos os ecos das montanhas. Até os pastôres selvagens do Ossa, suspensos com os seus rebanhos ao longo das florestas, perto das nuvens, responderam: Evoé!

Orfeu, divinamente apaixonado do Eterno-Feminino, da Natureza, glorifica-a em nome de Deus que a penetra e que êle deseja fazer brotar na humanidade divina. E eis aí por que em todos os Mistérios da Grécia, o grito de evoé! se torna o grito sagrado por excelência.

EVOCAÇÃO

A festa acabara como um sonho. Chegara a noite. Quando as danças, os cânticos e as orações se apagavam numa bruma côr-de-rosa, Orfeu e o seu discípulo desciam por uma galeria subterrânea até à cripta sagrada, que se prolongava no coração da montanha e cujo

Digitalizado com CamScanner

acesso só era permitido ao hierofante.

Era ali que o inspirado dos deuses se entregava às suas meditações, ou realizava, com os seus adeptos, as elevadas obras da magia e da teurgia.

Em volta dêles estendia-se um espaço vasto e cavernoso, do qual os dois brandões colocados no chão não iluminavam senão vagamente as paredes rachadas e as profundezas tenebrosas. A alguns passos abria-se no chão uma fenda hiante, de

onde saía um vento quente — e êsse abismo parecia descer até as entranhas da terra. Mais afastado, sôbre um altar pequenino, onde ardia um fogo de loureiro sêco, perfilava-se uma esfinge de pórfiro. No alto, a uma altura incomensurável, rasgava-se uma abertura oblíqua, pela qual se descobria um retalho de céu estrelado. E o raio de luz azulada, que por ela entrava, dir-se-ia ser o ôlho do firmamento mergulhando naquele báratro.

Digitalizado com CamScanner

"— Tu bebeste na fonte da luz eterna, diz Orfeu, entraste de alma pura no coração dos mistérios. Chegou, agora, a hora solene de te fazer penetrar até às fontes da vida e da luz. Aquêles que não levantaram o véu espêsso que, aos olhos dos homens, oculta as maravilhas invisíveis, não se tornam filhos dos deuses.

"Escuta, pois, as verdades que é necessário ocultar à multidão e que constituem a fôrça dos santuários.

"Deus é um, sempre igual a si mesmo e em tudo reina. Mas *os deuses* são inumeráveis e diversos, porque a divindade é eterna e infinita. Os maiores são as almas dos astros. Sóis, estrêlas, terras e luas, cada astro tem a sua, e tôdas brotaram do fogo celeste de Zeus e da luz primitiva. Semiconscientes, inacessíveis, imutáveis, elas dirigem com os seus movimentos regulares o grande todo. Ora, cada astro, rolando, arrasta na sua esfera eterizada,

Digitalizado com CamScanner

falanges de semideuses ou de almas resplandecentes, que foram outrora almas de homens, e que, depois de terem descido a escala dos reinos, subiram de novo gloriosamente os ciclos para enfim saírem do círculo das gerações. É por êsses espíritos divinos que Deus respira, obra, aparece. Que digo? Êles são o sôpro da sua alma viva, os raios da sua consciência eterna, e, comandando os exércitos dos espíritos inferiores que ex-

citam os elementos, dirigem os mundos. De perto e de longe êles nos cercam e, conquanto de essência imortal, revestem formas sempre mudáveis, conforme os povos, os tempos e as regiões. O ímpio nega-os, mas teme-os: o homem piedoso adora-os sem os conhecer; só o iniciado os conhece, os atrai e os vê. Se eu lutei para os encontrar, se afrontei a morte, se, como dizem, desci aos infernos, foi para domar os demônios do báratro, para

Digitalizado com CamScanner

chamar os deuses do alto sôbre a minha Grécia bem-amada, para que o céu profundo se case com a terra e que a terra encantada escute as vozes divinas. A beleza celeste encarnar-se-á na carne das mulheres, o fogo de Zeus no sangue dos heróis; e, muito antes de remontarem aos astros, os filhos dos deuses resplandecerão como imortais.

"Sabes o que é a lira de Orfeu? É o som dos templos inspirados. Êles têm por cor-

das os deuses. À sua música a Grécia se afinará como uma lira e o próprio mármore cantará em cadências brilhantes, em harmonias celestes.

E, agora, eu evocarei os *meus* deuses, a fim de que êles te apareçam vivos e que te mostrem, numa visão profética, o místico himeneu que eu preparo ao mundo e que os iniciados hão de ver.

"Deita-te ao abrigo desta rocha e não temas nada. Um sono mágico vai cerrar as

Digitalizado com CamScanner

tuas pálpebras; tu primeiro tremerás e verás coisas terríveis; mas depois, uma luz deliciosa, uma felicidade desconhecida, inundará os teus sentidos e o teu ser".

Já o discípulo se tinha deitado no nicho, cavado, em forma de leito, na rocha. Orfeu lançou alguns perfumes sôbre o fogo do altar, e, depois, tomando o cetro de ébano coroado por um cristal flamejante, colocando-se junto à esfinge e chamando com uma voz profunda, começou a evocação:

"Cibele! Cibele! Grande mãe, ouve-me! Luz original, chama ágil, etérea e sempre movente através dos espaços; que encerras os ecos e as imagens de tôdas as coisas! Eu chamo os teus corcéis fulgurantes de luz. Ó alma universal, criadora dos abismos, semeadora dos sóis, que deixas arrastar no Éter o teu manto estrelado; luz sutil, oculta, invisível aos olhos da carne; grande mãe dos mundos e dos deuses, tu, que encerras os tipos eternos, anti-

Digitalizado com CamScanner

ga Cibele, a mim! a mim! Por meu cetro mágico, por meu pacto com as Potências, pela alma de Eurídice!... Evoco-te, Espôsa multiforme, dócil e vibrante sob o fogo do Varão eterno. Do mais alto dos espaços, do mais profundo dos abismos, de tôda a parte, vem, aflui, enche esta caverna com os teus eflúvios. Cerca o filho dos Mistérios de uma muralha de diamante e faze-o ver no teu seio profundo os Espíritos do Inferno, da Terra e dos Céus."

A estas palavras, um trovão subterrâneo abalou as profundezas do abismo e a montanha tôda tremeu.

Um suor frio gelou o corpo do discípulo, que já não via Orfeu senão através duma fumarada engrandecente. Por um instante êle procurou lutar contra um poder formidável que o esmagava, mas o seu cérebro foi vencido, a sua vontade aniquilada. Então, sentiu os pavores dum afogado que engole água até ao pescoço e cuja

Digitalizado com CamScanner

convulsão horrível termina nas trevas da inconsciência.

Quando voltou a si, a noite reinava em volta dêle, uma noite atravessada por um crepúsculo rastejante, amarelado e lodoso. Olhou por muito tempo sem ver nada. De quando a quando, sentia roçar pela sua pele como que invisíveis morcegos. Por fim, vagamente, julgou ver moverem-se nas trevas formas monstruosas de centauros, de hidras, de górgonas. Mas a primeira coisa

que apercebeu distintamente foi uma grande figura de mulher, assentada sôbre um trono. Envolvia-a um comprido véu, com pregas fúnebres, semeado de estrêlas pálidas e tinha sôbre a cabeça uma coroa de papoilas.

Os seus olhos imensos, abertos, velavam imóveis. À sua volta, moviam-se, como aves cansadas, massas de sombras humanas, que segredavam a meia voz: "Rainha dos mortos, alma da terra, ó Perséfona! nós somos

Digitalizado com CamScanner

filhas do céu. Por que estamos exiladas no teu reino sombrio? Ó ceifeira do céu, por que é que ceifaste as nossas almas, que outrora voavam felizes na luz, entre as suas irmãs, nos campos do éter?

Perséfona respondia: "Eu colhi o narciso, eu entrei no leito nupcial. Bebi a morte com a vida. Como vós, também, eu gemo nas trevas."

"— Quando seremos libertadas? — disseram, gemendo, as almas.

"— Quando vier meu espôso celeste, o divino libertador, respondeu Perséfona.

Então, apareceram mulheres terríveis. Os seus olhos estavam injetados de sangue, as suas cabeças coroadas por plantas venenosas. Em derredor dos seus braços, dos seus flancos seminus, torciam-se serpentes, que elas manejavam em guisa de chicotes:

"Almas, espectros, larvas! diziam elas com as suas vozes sibilantes, não acredi-

Digitalizado com CamScanner

teis na rainha insensata dos mortos. Nós somos as sacerdotisas da vida tenebrosa, servas dos elementos e dos monstros cá de baixo, Bacantes sôbre a terra, Fúrias no Tártaro. Nós é que somos as vossas rainhas eternas, ó almas infelizes, que não saireis do círculo maldito das gerações, porque nêle vos faremos tornar a entrar com os nossos chicotes. Torcei-vos para sempre entre os anéis sibilantes das nossas serpentes, nos nós do desejo, do ódio e do remorso".

E elas precipitavam-se, desgrenhadas, sôbre o rebanho das almas desvairadas que se punham a voltear nos ares, sob as suas chicotadas, como um turbilhão de fôlhas sêcas, dando grandes gemidos.

Ao ver isto, Perséfona empalideceu; não parecia já senão um fantasma lunar. E murmurou: "O céu... a luz... os deuses... um sonho!... Sono, sono eterno". A sua coroa de papoilas murchou; os seus olhos fe-

Digitalizado com CamScanner

charam-se de angústia. A rainha dos mortos caiu em letargia sôbre o seu trono — e depois tudo desapareceu nas trevas.

A visão mudou. O discípulo de Delfos viu-se num vale esplêndido e verdejante.

Ao fundo ficava o monte Olimpo. Diante de um antro negro, dormitando sôbre um leito de flôres, estava a bela Perséfona. Uma corôa de narcisos substituía nos seus cabelos a corôa de papoilas fúnebres e a aurora duma

vida renascente espalhava-lhe nas suas faces uma côr ambrosiana. As suas tranças escuras caíam-lhe sôbre as espáduas numa brancura deslumbrante, e as rosas dos seus seios, docemente levantados, pareciam chamar os beijos dos ventos. Ninfas dançavam num prado. Nuvenzinhas brancas volteavam no azul. Uma lira ressoava num templo...

À sua voz de ouro, aos seus rítmos sagrados, o discípulo ouviu a música ínti-

Digitalizado com CamScanner

ma das coisas, porque das fôlhas, das ondas, das cavernas, saía uma melodia incorpórea e terna: e as vozes longínquas das mulheres iniciadas, que soltavam os seus coros nas montanhas, chegavam aos seus ouvidos em cadências quebradas. Umas, apaixonadas, chamavam pelo deus; outras julgavam vê-lo ao caírem semimortas de fadiga nas margens da floresta.

Finalmente, o azul abriu-se ao zênite para gerar do seu ventre uma nuvem des-

lumbrante. Como uma ave que paira um instante no ar e depois abate sôbre a terra, o deus que empunhava o tirso desceu e veio colocar-se diante de Perséfona. Tinha um ar radioso, os cabelos desmanchados, e nos seus olhos rolava o delírio sagrado dos mundos a nascer. Por muito tempo contemplou-a com ternura, depois estendeu sôbre ela o seu tirso. O tirso roçou-lhe o seio, — ela sorriu. Depois tocou-lhe a fronte, — ela abriu os olhos, er-

Digitalizado com CamScanner

gueu-se lentamente e contemplou o seu espôso. Êsses olhos, ainda cheios do sono do Érebo, brilharam como duas estrêlas. "Reconheces-me? pergunta o deus. — Ó Diônisos! exclama Perséfona, Espírito divino, Verbo de Júpiter, Luz celeste que resplandece sob a forma do homem! cada vez que tu me despertas, eu julgo viver pela primeira vez; os mundos renascem na minha memória: o passado, o futuro tornam-se o imortal presente; e

eu sinto no meu coração resplandecer o universo."

Ao mesmo tempo, por de cima das montanhas, numa clareira de nuvens prateadas, apareceram os deuses curiosos, inclinados para a terra.

Em baixo, grupos de homens, de mulheres e de crianças, saídas dos vales e das cavernas, olhavam, num arroubamento celeste, os Imortais; dos templos subiam, com ondas de incenso, hinos abrasados; entre o céu e a terra preparava-se um dês-

Digitalizado com CamScanner

ses casamentos que fazem com que as mães concebam os heróis e os deuses. Já uma tinta rósea se espalhava sôbre a paisagem; já a rainha dos mortos, tornada de novo a ceifeira divina, subia ao céu levada nos braços do espôso.

Depois, uma nuvem côr de púrpura envolveu-os, e os lábios de Diônisos uniram-se à bôca de Perséfona... Então, um imenso grito de amor partiu do céu e da terra, como se o estremecimento sa-

grado dos deuses passando sôbre a grande lira quisesse romper-lhe tôdas as cordas, espalhar os seus sons a todos os ventos. Ao mesmo tempo brotou do par divino uma fulguração, um furacão de luz cegante... E tudo desapareceu.

Por um momento, o discípulo de Orfeu, como que se sentiu absorvido na fonte de tôdas as vidas, submerso no sol do Ser. Mas, mergulhando no seu braseiro incandescente, dêle rompeu com as

Digitalizado com CamScanner

suas asas celestes e, como um relâmpago, atravessou os mundos para atingir em suas fronteiras o sono extático do Infinito.

Quando readquiriu os seus sentidos corpóreos, encontrou-se mergulhado no negror da noite. Nas trevas profundas só uma lira luminosa brilhava. Mas ela fugia, fugia e transformava-se numa estrêla.

Só então é que o discípulo compreendeu que estava na cripta das evocações, e que

êsse ponto luminoso era a fenda longínqua da caverna abrindo para o firmamento.

Uma grande sombra se mantinha de pé, junto dêle. Era Orfeu, que êle reconheceu por causa do seu cabelo em anéis e do seu cetro de cristal flamejante.

— Filho de Delfos, donde vens? diz-lhe o hierofante.

— Ó mestre dos iniciados, celeste encantador, maravilhoso Orfeu, tive um sonho divino. Seria um encanto da magia, um dom dos deuses?

Digitalizado com CamScanner

Que se passou? O mundo ter-se-ia transformado? Onde é que me encontro?

— Tu conquistaste a coroa da iniciação e viveste o meu sonho: a Grécia imortal! Mas saiamos daqui, porque, para que tudo se cumpra, é necessário que eu morra e que tu vivas.

A MORTE DE ORFEU

À hora em que nos flancos do monte Caucaion as florestas de carvalhos mugiam chicoteadas pela tempestade e que sôbre as rochas nuas o raio estalava violentamente e o trovão ribombando fazia tremer até às bases o templo de Júpiter, em uma cripta abobadada do santuário, os sacerdotes de Zeus, assenta-

Digitalizado com CamScanner

dos sôbre as suas poltronas de bronze, formavam um semicírculo. No meio dêles, de pé, como um acusado, Orfeu, mais pálido que nunca, tinha nos olhos calmos uma chama profunda.

Então, o mais velho dos sacerdotes, elevando a sua voz, grave como a dum juiz, disse:

— Orfeu, a ti, que dizem filho de Apolo, nós demos o cetro místico dos filhos de Deus e tu reinas sôbre a Trácia pela arte sacerdotal

e real. Tu restauraste nesta região os templos de Júpiter e de Apolo, e fizeste reluzir na noite dos mistérios o divino sol de Diônisos. Mas sabes, por ventura, o que nos ameaça? Tu que conheces os segredos terríveis, tu que por mais de uma vez nos tens adivinhado o futuro e que de longe falas aos teus discípulos aparecendo-lhes em sonhos, tu ignoras o que se passa à tua volta. Na tua ausência, as bacantes selvagens, as sacerdotisas malditas, reu-

Digitalizado com CamScanner

niram no valezinho de Hécate, e conduzidas por Aglaonice, a mágica de Tessália, persuadiram os chefes das margens do Ebro a restabelecer o culto da sombria Hécate e ameaçam destruir os templos dos deuses varonis e todos os altares do Altíssimo. Excitados pelas suas bôcas ardentes, alumiados pelos seus archotes incendiários, mil guerreiros trácios acampam junto a esta montanha, e amanhã, excitados pelo hálito dessas mulheres vestidas

de peles de pantera, ávidos de sangue masculino, darão o assalto ao templo. Condu-los Aglaonice, a grande sacerdotisa da tenebrosa Hécate, a mais terrível das mágicas, implacável e obstinada como uma Fúria. Tu deves conhecê-la! Que dizes, pois, a isto?

— Eu sabia tudo que me contas, responde Orfeu, e tudo isso devia realizar-se.

— Então por que não tens feito alguma coisa para nos defender? Aglaonice jurou

Digitalizado com CamScanner

degolar-nos sôbre os nossos altares, em face do céu vivo que adoramos. Mas que vai suceder a êste templo, aos seus tesouros, à tua ciência e ao próprio Zeus, se tu o abandonas?

— Não estou eu convosco? replicou docemente Orfeu.

— Sim, vieste, mas muito tarde, disse o velho. Aglaonice domina as bacantes e as bacantes dominam os trácios. É com o raio de Júpiter e com as flechas de Apolo que os repelirás? Por que não

chamaste tu a êste recinto os chefes trácios fiéis a Zeus para com êles esmagar a revolta?

— Não é pelas armas, mas pela palavra, que se defendem os deuses. Não são os chefes, mas sim as bacantes, que é necessário ferir. Eu irei, eu só. Ficai tranqüilos. Nenhum profano transporá êste recinto. Amanhã acabará o reinado das sacerdotisas sangüinárias. E sabei-o bem, vós que tremeis diante da horda de Hécate, os deuses

Digitalizado com CamScanner

celestes e solares vencerão. A ti, velho, que duvidavas de mim, deixo o cetro de pontífice e a coroa de hierofante.

— Que vais fazer? exclama o velho aterrorizado.

— Vou juntar-me aos deuses... A vós todos, até à vista!

Orfeu saiu deixando os sacerdotes mudos nas suas cadeiras. No templo encontrou o discípulo de Delfos e, tomando-lhe com fôrça a mão, disse:

— Vou ao campo dos trácios: segue-me.

Marcharam por algum tempo debaixo dos carvalhos; a trovoada já estava longe; por entre os ramos espessos brilhavam as estrêlas.

— Para mim bateu a hora suprema, diz Orfeu. Os outros compreenderam-me; tu, porém, amaste-me. Eros é o mais antigo dos deuses, dizem os iniciados; é êle que tem a chave de todos os sêres. Também te fiz penetrar no fundo dos Mistérios:

Digitalizado com CamScanner

os deuses falaram-te, tu os viste! Agora, longe dos homens, só a só contigo, à hora da sua morte, Orfeu deve deixar ao seu discípulo amado a palavra do seu destino, a herança imortal, o facho puro da sua alma.

— Mestre! eu ouço e obedeço, diz o discípulo de Delfos.

— Caminhemos sempre, diz Orfeu, sôbre esta vereda que desce. A hora aperta, pois quero surpreender os meus inimigos. Mas, seguindo-me,

escuta e grava as minhas palavras na memória, guardando-as, porém, como um segrêdo.

— Elas ficam impressas em letras de fogo no meu coração e os séculos não as apagarão jamais.

— Tu sabes, já, que a alma é filha do céu. Tu contemplaste a tua origem e o teu fim, e começas a recordar-te. Quando ela desce à carne, continua, embora fracamente, a receber o influxo do alto. É por nossas mães que

Digitalizado com CamScanner

primeiro nos chega êsse sôpro poderoso. O leite de seus peitos nutre o nosso corpo; mas é da sua alma que se alimenta o nosso ser, angustiado pela sufocante prisão do corpo. Minha mãe era sacerdotisa de Apolo, e as minhas primeiras recordações mostram-me um bosque sagrado, um templo solene, uma mulher trazendo-me nos seus braços, envolvendo-me na sua cabeleira doce como num quente vestuário. Os objetivos terrestres, as visa-

gens humanas, enchiam-me dum espantoso terror. Porém, logo que minha mãe me apertava nos seus braços, eu encontrava o seu olhar e êle inundava-me duma recordação divina do céu. Mas êsse raio luminoso morreu no cinzento sombrio da terra: um dia minha mãe desapareceu: tinha morrido. Privado do seu olhar, desviado das suas carícias, eu fiquei espantado com a minha solidão. Depois, uma vez tendo visto correr o sangue num

Digitalizado com CamScanner

sacrifício, tomei horror ao templo e desci aos vales tenebrosos.

"As bacantes surpreenderam a minha mocidade. Já então Aglaonice reinava sôbre as mulheres voluptuosas e cruéis, e todos, homens e mulheres, a temiam. Essa tessaliana, que inspirava um sombrio desejo e dominava pelo terror, exercia sôbre todos aquêles que dela se aproximavam uma atração fatal. Pelas artes da infernal Hécate, atraía as donzelas ao

seu vale e instruía-as no seu culto. Por êsse tempo tinha ela lançado as suas vistas sôbre uma donzela — Eurídice, por quem sentia a um tempo um amor furioso, maléfico e uma inveja perversa. Ela queria arrastar essa virgem ao culto das bacantes, dominá-la, entregá-la aos gênios infernais, depois de ter maculado a sua inocência. E, para isso, começara por a envolver nas suas promessas sedutoras, nas suas encantações noturnas.

Digitalizado com CamScanner

"Atraído por não sei que pressentimento ao valezinho do Tempe, eu caminhava um dia sôbre a erva crescida dum prado cheio de plantas venenosas. À minha volta reinava o horror dos bosques sombrios habitados pelas bacantes. Sentiam-se baforadas de perfumes, como um hálito quente de desejo. Então, descobri à minha frente Eurídice que caminhava lentamente, sem me ver, para um antro, como que fascinada por um destino in-

vencível. Do bosque das bacantes saía por vêzes um riso ligeiro, por outras um estranho suspiro. Eurídice detinha-se fremente, indecisa; depois, punha-se de novo a caminhar, como que atraída por um poder mágico. Os anéis de ouro dos seus cabelos voam sôbre as suas brancas espáduas, os seus olhos de narciso nadavam em embriaguez, enquanto ela marchava para a bôca do Inferno. Mas eu contemplara o céu dormente do seu olhar. — Eurídice! gri-

Digitalizado com CamScanner

tei tomando-lhe a mão, onde vais? — Como acordada dum sonho, ela deu um grito de horror e de libertação e depois caiu sôbre o meu peito. Foi então que o divino Eros nos dominou, e, com um olhar, Eurídice-Orfeu foram esposos para sempre.

"Todavia, Eurídice, que no seu terror me conservava enlaçado, com um gesto de mêdo mostrou-me a gruta. Aproximei-me e vi uma mulher assentada. Era Aglaonice. Perto dela uma està-

tuazinha de Hécate, feita de cêra e pintada de vermelho, de branco e de negro, tinha nas mãos um chicote. Aglaonice fazendo girar a sua roda mágica murmurava palavras de encantamento enquanto seus olhos fixos no vácuo pareciam devorar a sua prêsa. Quebrei a roda, calquei aos pés a imagem de Hécate e trespassando a mágica com um olhar, gritei-lhe:

— Por Júpiter! proibo-te, sob pena de morte, que tornes a pensar em Eurídice! E

Digitalizado com CamScanner

ficarás sabendo que os filhos de Apolo te não temem.

"Aglaonice, interdita, torceu-se como uma serpente sob o meu gesto, e, ao desaparecer na sua caverna, lançou-me um olhar de ódio mortal.

"Conduzi Eurídice aos arredores do meu templo. As virgens do Ebro, coroadas de jacinto, cantavam em derredor de nós: Himeneu! Himeneu! — e eu conheci a felicidade!

"A lua ainda não mudara por três vêzes, quando uma bacante mandada pela tessaliana, apresentou a Eurídice uma taça de vinho que, no dizer dela, lhe daria a ciência dos filtros e das ervas mágicas. Eurídice, curiosa, bebeu e caiu fulminada. A taça encerrava um veneno mortal.

"Quando eu vi a fogueira consumir Eurídice, quando eu vi o túmulo devorar as suas cinzas, quando a última recordação da sua forma

Digitalizado com CamScanner

viva desapareceu, então eu gritei: "Onde está a sua alma?" e parti desesperado. Depois, errei por tôda a Grécia. Debalde, aos sacerdotes de Samotrácia supliquei que a evocassem; debalde a fui procurar às entranhas da terra, ao cabo Ténaro. Finalmente, cheguei ao antro de Trofônio, onde certos sacerdotes conduzem os visitantes temerários por uma fenda até aos lagos de fogo que fervem no interior da terra, fazendo-lhes ver o que lá se

passa. Durante o caminho o visitante entra em êxtase e sente que se lhe abre a dupla vista. Respira-se com custo, a voz estrangula-se na garganta e só por sinais se pode comunicar. Uns recuam a meio do caminho, outros persistem e morrem asfixiados, e, dos poucos que de lá saem vivos, a maior parte fica louca. Depois de ter visto o que bôca alguma deve repetir, eu regressei à gruta e caí numa letargia profunda. Durante êsse sono de

Digitalizado com CamScanner

morte apareceu-me Eurídice. Ela flutuava num nimbo, pálida como um raio de luar, e disse-me: "Por mim tu afrontaste o inferno depois de me ter buscado entre os mortos. Eis-me aqui, acorrendo ao teu apêlo. Eu não habito o seio da terra, mas a região do Érebo, o cone de sombra que há entre a Terra e a Lua. É nesse limbo que eu turbilhono a chorar como tu. Se queres libertar-me, salva a Grécia outorgando-lhe a luz. Então, eu, re-

adquirindo as minhas asas, subirei para os astros, e tu encontrar-me-ás na luz dos deuses. Até que isso aconteça, é meu destino errar na esfera turva e dolorosa..." Por três vêzes eu quis abraçá-la; por três vêzes ela se dissipou nos meus braços como uma sombra. Ouvi apenas como que um som de corda que quebra; depois, uma voz fraca como um sôpro, triste como um beijo de adeus, murmurou: — Orfeu!

Digitalizado com CamScanner

morte apareceu-me Eurídice. Ela flutuava num nimbo, pálida como um raio de luar, e disse-me: "Por mim tu afrontaste o inferno depois de me ter buscado entre os mortos. Eis-me aqui, acorrendo ao teu apêlo. Eu não habito o seio da terra, mas a região do Érebo, o cone de sombra que há entre a Terra e a Lua. É nesse limbo que eu turbilhono a chorar como tu. Se queres libertar-me, salva a Grécia outorgando-lhe a luz. Então, eu, re-

adquirindo as minhas asas, subirei para os astros, e tu encontrar-me-ás na luz dos deuses. Até que isso aconteça, é meu destino errar na esfera turva e dolorosa..." Por três vêzes eu quis abraçá-la; por três vêzes ela se dissipou nos meus braços como uma sombra. Ouvi apenas como que um som de corda que quebra; depois, uma voz fraca como um sôpro, triste como um beijo de adeus, murmurou: — Orfeu!

Digitalizado com CamScanner

"Ao som dessa voz acordei. Êsse nome, proferido por uma alma, transformou o meu ser. Senti passar em mim o estremecimento sagrado dum desejo imenso e o poder dum sobre-humano amor. Eurídice viva ter-me-ia dado a embriaguez da felicidade; Eurídice morta fêz-me achar a Verdade. Foi por amor que eu enverguei o vestido de linho, votando-me à grande iniciação e à vida ascética; foi por amor que penetrei a magia e bus-

quei a ciência divina; foi por amor que atravessei as cavernas de Samotrácia, os poços das Pirâmides e os túmulos do Egito. Sondei a morte para nela encontrar a vida, e, para além da vida os limbos, as almas, as esferas transparentes, o Éter dos deuses. A terra abriu-me os seus abismos, o céu os seus templos rutilantes. Apoderei-me da ciência, oculta sob as múmias. Os sacerdotes de Ísis e de Osíris entregaram-me os seus se-

Digitalizado com CamScanner

gredos. Mas êles só tinham êsses deuses, e eu tinha Eros! Por êle falei, cantei, venci. Por êle, soletrei o verbo de Hermes e o verbo de Zoroastro; por êle aprendi o de Júpiter e o de Apolo.

Porém a hora de confirmar a minha missão pela minha morte chegou. Ainda uma vez é-me preciso descer ao inferno para subir ao céu. Escuta, filho querido do meu verbo: Tu levarás a minha doutrina ao templo de Delfos e a minha lei ao tribunal

dos Anfictiões. Diônisos é o sol dos iniciados: Apolo será a luz da Grécia: os Anfictiões, os guardas da sua justiça".

O hierofante e o seu discípulo tinham atingido o fundo do vale. Na sua frente encontrava-se uma clareira e viam-se, sob os grandes maciços de sombrias árvores, tendas e homens deitados por terra. Ao fundo, na floresta, havia fogueiras quase apagadas; archotes vacilantes passavam.

Digitalizado com CamScanner

Orfeu caminhava tranqüilamente pelo meio dos trácios adormecidos e fatigados por uma orgia noturna. Uma sentinela, que ainda velava, perguntou-lhe o nome.

— Sou um mensageiro de Júpiter. Chama os teus chefes, respondeu Orfeu.

"Um sacerdote do templo!..." Êsse grito soltado pela sentinela espalhou-se, como um sinal de alarme, por todo o acampamento. Os homens chamam-se uns aos outros, armam-se à pressa,

e, quando os chefes surpreendidos acorrem cercando o pontífice, já as espadas brilham.

— Quem és tu? Que vens aqui fazer?

— Sou um enviado do templo, que vos vem dizer a vós todos, reis, chefes, guerreiros da Trácia, que renuncieis a lutar com os filhos da luz e reconheçais a divindade de Júpiter e de Apolo. Os deuses do alto falam-vos pela minha bôca. Eu venho como amigo, se

Digitalizado com CamScanner

vós me escutais: como juíz, se vos recusais a ouvir-me.

— Fala, disseram os chefes.

De pé, sob um grande olmo, Orfeu falou. Êle falou das graças dos deuses, do encanto da luz celeste, dessa vida pura que levava lá em cima, com seus irmãos iniciados, sob o olhar do grande Urano, e que queria comunicar a todos os homens: falou prometendo apaziguar as discórdias, sarar os doentes, ensinar as sementes que produzem os mais belos fru-

tos da terra, e aquelas, mais preciosas ainda, que produzem os frutos divinos da vida: a alegria, o amor, a beleza. E enquanto êle falava, a sua voz grave e doce vibrava como as cordas duma lira e penetrava cada vez mais fundo nos corações dos trácios, abalados.

Do fundo dos bosques, as bacantes curiosas, empunhando archotes, tinham acorrido também, atraídas pela música dessa voz humana. Vestidas simplesmen-

Digitalizado com CamScanner

te com a pele das panteras, elas mostravam os seus seios morenos e os seus flancos soberbos. À claridade dos archotes, os seus olhos brilhavam de crueldade e luxúria. Porém, pouco a pouco, acalmadas pela voz de Orfeu, elas agruparam-se à volta dêle ou aninharam-se a seus pés como bêstas feras domadas. Umas, tomadas de remorsos, fixavam na terra um olhar sombrio; outras escutavam arrebatadas. E os trácios, comovidos, murmu-

ravam entre si: "É um deus que fala; é o próprio Apolo que encanta as bacantes!"

No entanto, Aglaonice espiava do fundo do bosque. A grande sacerdotisa de Hécate, vendo os trácios imóveis e as bacantes arrastadas por uma magia mais forte do que a sua, sentiu que o céu vencia o inferno e que o seu poder maldito se afundava nas trevas donde tinha saído, por causa da palavra do divino sedutor. Então, rugindo de cólera, lançou-se

Digitalizado com CamScanner

com um esfôrço violento, diante de Orfeu.

— Um deus, dizeis? E eu digo-vos que é Orfeu um homem como vós, um mago que vos engana, um tirano que se apodera das vossas coroas. Um deus, dizeis? O filho de Apolo? Êle? o sacerdote? o pontífice orgulhoso?

Que se lancem sôbre êle! Se é deus, que se defenda... e se eu minto, que me desfaçam!

Aglaonice vinha acompanhada por alguns chefes, excitados pelos seus malefícios e inflamados pelo seu ódio. Êles atiraram-se ao hierofante. Orfeu soltou um grito lancinante e caiu varado das suas espadas. Mas, antes de soltar o derradeiro suspiro, estendeu a mão ao seu discípulo e disse:

— Eu morro, mas os deuses vivem!

Depois expirou. Inclinada sôbre o seu cadáver, a mágica da Tessália, cuja visa-

Digitalizado com CamScanner

gem nesse momento se assemelhava à de Tisífona, espiava com uma alegria selvagem o último suspiro do profeta e preparava-se para tirar um oráculo da sua vítima. Porém, qual não foi o pavor da tessaliana vendo, ao clarão flutuante do archote, essa cabeça cadavérica reanimar-se, um pálido rubor espalhar-se sôbre a face do morto, os seus olhos reabrirem-se, imensos, e um olhar profundo, doce e terrível ir fixar-se nela... en-

quanto que uma voz estranha — a voz de Orfeu — se escapava mais uma vez dos seus lábios palpitantes para pronunciar distintamente estas sílabas melodiosas e vingadoras:

— Eurídice!

Diante dêsse olhar, a essa voz, a sacerdotisa, horrorizada, recuou gritando: — "Êle não está morto! Êle vai perseguir-me para sempre! Orfeu... Eurídice!" E, pronunciando estas palavras, Aglaonice desapareceu como chi-

Digitalizado com CamScanner

coteada por cem fúrias. As bacantes apavoradas e os trácios tomados de horror pelo seu crime, fugiram na noite soltando gritos de dor.

O discípulo ficou só junto ao corpo do mestre. Quando um raio sinistro de Hécate veio iluminar o linho ensangüentado e a face pálida do grande iniciador, pareceu-lhe que o vale, o rio, as montanhas e as florestas profundas gemiam como uma grande lira.

O corpo de Orfeu foi queimado pelos seus sacerdotes

e as suas cinzas, levadas para um longínquo santuário de Apolo, foram veneradas como as de deus. Nenhum dos revoltosos se atreveu a subir ao templo de Caucaion, no qual a tradição de Orfeu, a sua ciência e os seus mistérios se perpetuaram, espalhando-se daí para todos os templos de Júpiter e de Apolo. Os poetas gregos diziam que Apolo se tornara ciumento de Orfeu, porque êste era invocado mais freqüentemente do que êle. A verdade é que quando os poetas

Digitalizado com CamScanner

cantavam Apolo, os grandes iniciados invocavam a alma de Orfeu, salvador e adivinhador.

Mais tarde, os trácios, convertidos à religião de Orfeu, contaram que êle descera ao inferno para lá procurar a alma da espôsa, e que as bacantes, ciosas do seu amor eterno, o tinham feito em bocados; mas que a sua cabeça, lançada no Érebo e levada pelas suas ondas tumultuosas, clamava ainda e sempre:

Eurídice! Euridice!

Assim, os trácios louvaram como um profeta aquêle que tinham morto como um criminoso e que, pela sua morte, os convertera. Assim o verbo órfico, se infiltrou misteriosamente nas veias da Grécia pelas vias secretas dos santuários e da iniciação.

À sua voz os deuses conciliaram-se, como no templo, ao som duma lira invisível, se ajustam num côro apaixonado as vozes dos iniciados — e a alma de Orfeu tornou-se a alma da Grécia.

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

*

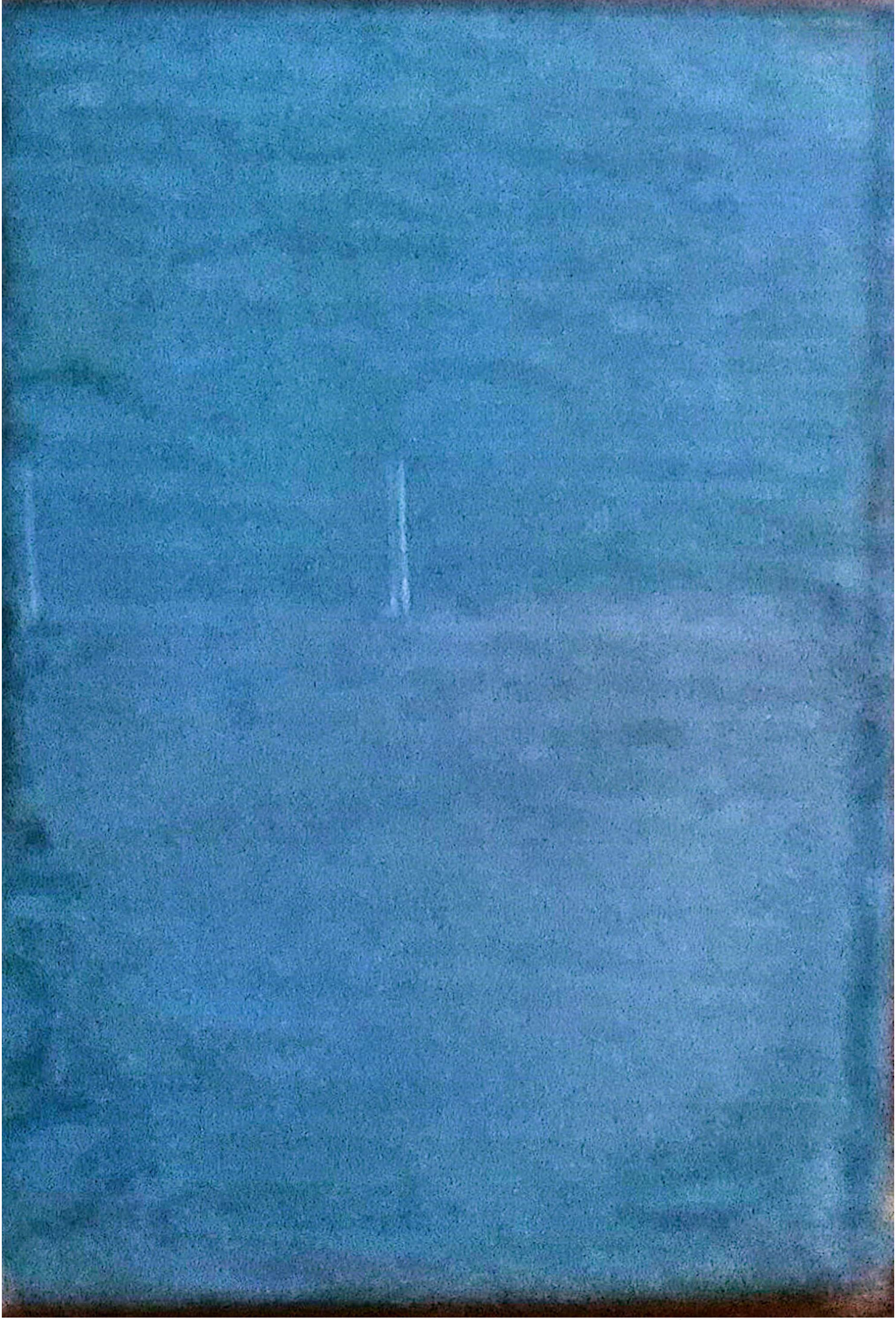
Composto e Impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S.A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225/235
em abril de 1959
São Paulo

*

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner